

Bahia

“A MINHA PAIXÃO É A TERRA E A NATUREZA PELO NASCER, CRESCER, FLORIR E MADURAR”



Ana Lúcia da Silva Moura, 46 anos, mora com o esposo Anselmo dos Santos Cordeiro, 41 anos, e seus dois filhos, João Pedro Moura Cordeiro, 16 anos, e Clara Joana Moura Cordeiro, 11 anos. A família reside na propriedade Flores da Vargem, no bairro Jardim Primavera, em Juazeiro-BA, desde 2019, quando resolveram sair da sede da cidade, para começar a trabalhar com a terra. A partir daí, Ana Lúcia voltou a se aproximar da natureza que é a paixão da agricultora e onde ela recarrega as energias.

O cuidado com a terra foi herança dos seus pais, que cultivavam hortaliças no quintal de casa, além da vivência que teve assim que casou com Anselmo, que já “cultivava de tudo um pouco”. Ana Lúcia, conta como se sentia quando morava na cidade e porque decidiu morar no campo: “Eu vivia estressada do trabalho porque eu trabalhava de domingo a domingo no comércio, na parte de agroindústria, de alimentação. Era um trabalho que eu gostava também porque você convivia com muitas pessoas, com mentes diferentes, conhecimentos diferentes, mas eu sempre gostei da terra. A minha paixão é a terra, a terra e a natureza. Acho que para mim traz aquela paz de espírito. Quando eu estou triste, estressada, eu procuro sempre sair de dentro de casa e ouvir (sons da natureza). Acho que até aquele barulho do vento me traz paz”.



É lindo ver como a família de Ana Lúcia e Anselmo cuidam da terra e da natureza. A conservação do meio ambiente presente na diversidade da fauna e flora em torno da casa da família é de encantar. Essa preservação do ambiente é que faz toda diferença no desenvolvimento das atividades, não há espaço para lixo e nem insumos que empobrecem a vida no solo.

Além da conservação do ambiente, Ana Lúcia valoriza também as outras relações que geralmente existem nas comunidades, como as trocas, doações e partilha de saberes. “Porque eu não me contento em só plantar um pé de coentro e não só um pé para mim, eu gosto de plantar, manejar, para eu aprender, conhecer pra poder ensinar aos outros. Eu não sei guardar, eu gosto de multiplicar, de doar”, diz.

Devido ao empenho no desenvolvimento de experiências voltadas à convivência com o Semiárido, a família de Ana Lúcia e Anselmo é uma referência para outras famílias agricultoras. No quintal produtivo, por exemplo, encontram-se hortaliças, tubérculos, verduras, legumes, frutas, ervas medicinais, plantas ornamentais, plantas forrageiras e espécies nativas da Caatinga.



A família Moura, que também desenvolve práticas tradicionais das chamadas “guardiãs de sementes”, possui uma diversidade de espécies nativas crioulas e exóticas, ultrapassando a marca de 100 espécies. Além dessas variedades envasadas e armazenadas, a família também dispõe de sementes já cultivadas, os chamados bancos de semente a campo, que contam, por exemplo, com macaxeira, maracujá da caatinga, pitanga, pitaya, abóbora, açafraão, feijão de porco, batata doce e batata de purga.

A agricultora revela que já era guardiã de sementes, mas não tinha noção, não com esse nome e que só teve melhor compreensão a partir do processo de certificação orgânica da sua propriedade. “Quando eu iniciei a certificação acho que foi em 2020, eu não consegui contar tudo, mas cheguei em umas 80 sementes, organizando, colocando o nome e dizendo quem me deu”, relembra Ana Lúcia. As sementes são fruto de trocas com outros/as agricultores/as, de intercâmbios que a família participa e de alguns visitantes que frequentemente vão conhecer a propriedade.

Toda semente que chega é multiplicada e tem vários destinos, plantio, alimento, doações e retorno a quem fez a doação. Logo que recebe a semente, Ana Lúcia coloca em sacos separados por nome, data e quem fez a doação, depois de multiplicada, a agricultora armazena. As sementes ocupam uma parte muito significativa da casa da família, a cozinha, onde todos/as se alimentam olhando para a origem de onde vem seu alimento.



“As sementes a gente colhe, abre o fruto ou debulha, lava, coloca numa peneira na sombra para secar. Aí secando, a gente coloca ela nas garrafas pets, ou naquelas garrafas de água mineral, dependendo da quantidade, porque elas mantêm mais. E uma coisa também que foi observada é que elas não podem levar luz, elas têm que estar num lugar mais escuro”, ensina Ana Lúcia.

Tudo produzido na propriedade é orgânico e agroecológico. Os produtos para adubação, fertirrigação, nutrição, controle de pragas e doenças são feitos a partir de insumos naturais, garantindo assim a sustentabilidade das plantas, do solo e da família. E o melhor, esses materiais são retirados do próprio quintal, o esterco dos caprinos, ovinos e outros animais; húmus do minhocário, biofertilizante do biodigestor e compostagem dos restos vegetais.

A produção oriunda da propriedade Flores da Vargem, que está dentro da área do Centro de Formação Dom José Rodrigues, a roça do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irapa), é comercializada na feira agroecológica municipal.



CERTIFICAÇÃO ORGÂNICA E PARTICIPATIVA

Em 2019, através de uma provocação de José Moacir dos Santos, presidente do Irpa, a família iniciou os primeiros estudos sobre a Certificação Orgânica Participativa. Um ano depois, foi certificada. “Porque hoje o que garante é um papel, não é só a palavra”, enfatiza Ana Lúcia.

A agricultora relembra ainda como aconteceram as primeiras iniciativas e a importância para a aproximação e troca de conhecimentos entre as famílias. “Hoje é um papel que vale. Ele (José Moacir) chegou com a proposta da certificação participativa, se a gente tinha interesse.

Aí a gente aceitou na hora. São as raízes que a gente está resgatando. Você vê aquela comunidade, você vê aquelas famílias se reunirem. Faz um café, um almoço, tem aquele compartilhamento, tem aquele mutirão de coisas, de conversas, de saberes, de conhecimento”, comemora.

Além disso, Ana Lúcia destaca que o processo de certificação abrange uma série de questões: “Por exemplo, a gente trabalha a questão do lixo, da convivência familiar, do esgoto e das barreiras nas suas propriedades. São os pilares da certificação participativa”.

Para garantir a sustentabilidade da sua unidade produtiva, Ana Lúcia e Anselmo seguem alguns processos fundamentais e indispensáveis para o sucesso.

“A gente usa as folhas de seriguela, juazeiro, mamona, tamarindo, jamelão para cobertura vegetal e nutrição do solo”, explica a agricultora. Além disso, a família usa o húmus da minhoca para fazer as bandejas. “Muitas vezes, a terra está parada e a gente acha que ela está nutrida e não está. Porque se eu quero um bom alimento, eu tenho também que dar à terra. Se eu quero que ela me dê, então, eu preciso dar à ela”, enfatiza a agricultora



TECNOLOGIAS SOCIAIS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Diversas são as experimentações de convivência com o Semiárido: cisterna de consumo, biodigestor, minhocário, apiário, criação de caprinos e ovinos.

Um dos atuais encantamentos da família e que tem trazido resultados significativos é o biodigestor sertanejo, tecnologia social desenvolvida para a geração de gás a partir do esterco do bode (caprino). Até então, a família tem seu gás garantido e não se preocupa com a compra de botijão.

“É uma renda que você tem, em vez de você gastar no comércio, você vai gastar com outras coisas, não vai comprar bujão, você não vai gastar, você não vai desperdiçar o esterco do animal, você vai beneficiar ele. Você pode levar esse beneficiamento para a sua terra, pode também vender (no caso, o esterco resultante da descarga nesse biodigestor), tem uma série de vantagens”, afirma.

A paixão pela terra, demonstrada por Ana Lúcia, com o comprometimento de toda família pelo cuidado com a biodiversidade, e as práticas de convivência com o Semiárido, são inspirações e comprovam o poder transformador da agricultura familiar, que precisa cada vez mais de incentivos para ser fortalecida.

